

Literatura

Ainda construção e já ruína

Primeiro livro da série "Inferno provisório", de Luiz Ruffato, mostra como se desenvolvem as famílias de imigrantes italianos no Brasil

Por Luisa Destri



"Família... casamento... filhos... uma insidiosa epidemia de mofo impregna todas as histórias, esporos furtivamente carcomendo qualquer esperança." O pensamento desolador é de uma das personagens do livro *Mamma, son tanto felice*, do brasileiro Luiz Ruffato. Mas aplica-se perfeitamente às seis histórias reunidas no

volume: com diferentes doses de sofrimento, culpa e tragédia, retratam a vida de famílias descendentes de imigrantes italianos que não encontraram a felicidade prometida no Brasil.

Spinellis, Bicios, Pivattos, Finettos - todos se relacionam porque, uma vez desembarcados no porto de Santos, seguiram para o interior de Minas Gerais, instalando-se em Rodeiro. E porque os filhos e as gerações subsequentes seguem para Cataguases, Ubá ou outras cidades maiores. E se unem porque invariavelmente se estruturam de forma patriarcal e autoritária, em torno de um pai rude e pouco carinhoso (violento, muitas vezes) e de uma mãe condescendente e sedenta por compensar a falta de afeto paterno.

O que mais impressiona, porém, não é a dose de verdade histórica em que os leitores podem identificar seus ancestrais. E sim a construção literária e o refinamento linguístico - cujo resultado máximo é a agudeza com que o autor penetra na dimensão psicológica de suas personagens.

Há uma linguagem própria a cada história narrada, rigorosamente pautada pelo ambiente das personagens. Em "Uma fábula", a primeira delas, um agreste ambiente rural é apresentado por meio dos traços de uma oralidade mineira rebuscada pelo sotaque italiano. A vida urbana e pretensamente refinada do professor que protagoniza "O segredo" determina o tom do último enredo.

Apesar desse aparente desenvolvimento entre as duas histórias, sob o qual está a noção de que também a vida dos imigrantes por ele se pautou, há alguns sinais de estagnação, com a retomada de temas e de traços presentes em histórias anteriores: o remorso de um pai se transforma em um sentimento de culpa que determina a vida de um filho; o comportamento de um patriarca influencia o descendente de outra família.

Esses pontos de contato, muitas vezes sutis, provam, ao contrário do que poderia parecer, que as

seis histórias não devem ser lidas separadamente. Não há continuidade explícita entre elas, e a mera conexão entre as personagens não necessariamente elucida aspectos do que se contou no episódio anterior. O retorno a traços de caráter e de comportamento, no entanto, mostra como a história humana, a despeito de qualquer esforço de imigração, é sempre repetição: fracassos semelhantes, dificuldades afetivas similares, relacionamentos insistentemente mal resolvidos.

A mãe que não pôde viver com o homem que amava, o filho que se casa com a intenção de deslembrar sua história e termina por abandonar a esposa, o menino que não consegue sofrer diante da morte do pai. Spinellis, Bicios, Pivattos, Finettos, todos retornam às suas mães - "mamma, son tanto felice perché ritorno da te", diz a canção que serve de título e epígrafe ao livro -, porque o traço genético é também e sempre afetivo. O remorso e a culpa que tentam afastar é o legado invisível e insuperável de todas as gerações das famílias apresentadas no livro.

Essa herança é de tal modo determinante que o professor da última história constrói uma espécie de devaneio apoteótico: diante de sua morte, imagina um tribunal em que seria condenado por fatos que apenas absurdamente poderiam ser considerados criminosos. Ter frequentado o seminário e não se tornado padre, não ter se casado ou tido filhos, ter sido dispensado do serviço militar - em tudo ele mesmo reconhece a culpa e a necessidade de castigo.

Não fosse a estrutura autoritária, seria curioso observar que a expiação recaí, por via de regra, sobre aqueles que tangenciam a linhagem familiar. O mulato adotado como filho e ora tratado como funcionário, a esposa brasileira e moradora da periferia, a mulher abandonada e a empregada são as figuras a quem resta o cumprimento da pena. Cada um deles carregando a penitência do modo que lhes cabe.

Aqui se apresenta, então, outra noção estruturante da obra, ela também decorrente desta dura arquitetura familiar: a ausência do sentimento de alteridade. Ausência que vem desde a primeira história, com todos ainda reunidos no ambiente rural, quando os valores machistas de um pai encerram a vida da filha, e chega até o professor, cujo espanto ao conhecer a casa de sua empregada é ao mesmo tempo comovente e assustador, já que ele se mostra incapaz de lidar com os elementos que fazem dela uma mulher, uma pessoa.

É sobretudo a partir desse ângulo em que o outro

não consegue figurar que *Mamma, son tanto felice* ultrapassa a temática da imigração e demonstra a profundidade com que retrata os relacionamentos humanos. Para tanto, o livro se vale de recursos literários tradicionais - os diferentes tipos de diálogos, o *flashback*, o monólogo interior, a narração de um sonho ou delírio - e se apoia em um recurso gráfico interessante: a alteração de fontes e formatação para marcar o labirinto em que se move o narrador, ora se aprofundando em uma personagem, ora passando rapidamente aos pensamentos de outra.

Em "Sulfato de morfina", por exemplo, a fonte padrão é empregada quando se trata da narração do episódio; o negrito demarca os diálogos entre um casal; uma outra fonte serve ao perfil que se desenha da personagem enferma, e assim por diante.

O estilo é trágico, e isso diz respeito não aos eventos que se sucedem, mas à postura de um narrador centrado nas emoções de suas personagens diante dos acontecimentos, preocupado em investigar o que de humano é chamado a se manifestar quando se está diante de desventura e sofrimento.

O desengano é anterior ao livro. Em outra das epígrafes, versos de Jorge de Lima anunciam o universo em que o leitor embarcará: o de naus que, mesmo sem naufragar, não chegaram a seu destino - porque "já estavam podres no tronco / da árvore de que as tiraram".

A série

Mamma, son tanto felice, lançado em 2005, é o primeiro volume da série "Inferno provisório". O quarto e mais recente, *O livro das impossibilidades*, foi lançado no fim de 2008. O conjunto obedece à cronologia e ao desejo de mostrar a (não) evolução de vida dos trabalhadores brasileiros descendentes de imigrantes.

Ao contrário do alívio que possa sugerir, o "provisório" acentua as dimensões desse inferno, que é também nosso. A explicação é de Ruffato, em entrevista à *Folha de S. Paulo* em março de 2005, quando lançou os dois primeiros volumes: "Para mim, o inferno provisório é pior do que se fosse definitivo. O que é definitivo você pode pensar como definitivo. Já o provisório pode piorar".

Mamma, son tanto felice
Luiz Ruffato
Record/ 176 páginas

Trechos da obra

(Tia Assunta me chamou no quarto, estendeu os braços, falou, "Dá uma olhada nessas coisas aí... Vê se alguma te interessa... Você, que gosta de velharias..." [...] Tia Assunta voltou, disse, "Vou dar um fim nisso tudo... O que você quiser levar, leva..." Limpei a poeira que se tinha acumulado na moldura, perguntei, "Quem é esse, tia?" Nervosa, enrubescida, falou, "Menos isso, Liliinho, menos isso...", me tomando o retrato e escondendo-o debaixo de uma pilha de lençóis, fronhas e cobertas cuidadosamente dobrados dentro do guarda-roupa. "Menos isso...")

(*Ângelo Chiesa apeou junto à porteira, respirou fundo, abriu-a, e caminhou devagar, puxando o cavalo pelo cabresto. Era uma tarde de sol quente, sábado de fevereiro, e ele suave o terno preto. Quando aproximou-se do paiol, viu um moleque brincando em cima de um carro-de-boi arriado, disse, "Menino, vai chamar o seu pai. Fala pra ele que é o Ângelo Chiesa que está aqui pra falar com ele". A poeira da estrada enevoara seus sapatos novos, que ardiavam os pés escalavrados. Ao chegar no terreiro, em frente à casa, foi cercado pelos rapazes Finetto. "Quê que você está fazendo aqui, Ângelo?" "Preciso de ter uma palestra com seu pai." "Pode falar com a gente mesmo." "Não... É conversa de homem... Tem que ser com seu Beppo". O velho desceu a escada, os olhos castanho-claros entrefechados, disse, "Você até que é corajoso para um Chiesa. O que você quer?" Ângelo olhou para o pau-de-fumo, tomou fôlego, muito tarde para recuar, o grunhido dos porcos no chiqueiro, o vento que vergasta os eucaliptos, uma maritaca que explode em azul o seu canto áspero)*

Carlos acende um cigarro.

- Mas... mãe... o Ângelo... o Ângelo não ficou esperando a senhora a vida toda?

Ela se ajeitou no banco, comprimiu uma mão na outra, cerrou a fronte.

- Quem? De quem você está falando?

- Ângelo. Ângelo Chiesa.

- Não... não é possível! Pára esse carro, Carlinho!, pára que eu vou descer agora! Pára!

” (P. 53-54)

A busca do amor

Primeira obra de ficção do psicanalista Contardo Calligaris, *O conto do amor* tem trama envolvente de romance e mistério

Por Laura Folgueira



O psicanalista Contardo Calligaris, nascido em Milão, é mais conhecido no Brasil - onde vive desde 1985 - por suas colunas publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*. Seu primeiro livro de ficção, o romance *O conto do amor*, lançado em 2008 pela Companhia das Letras, mistura algumas das melhores características de suas crônicas - que falam especialmente sobre relacionamentos - com toques de romance histórico-policial e relatos de viagem. Essa combinação foi justamente a responsável pela maior polêmica em torno do livro, considerado brilhante por alguns, e regular por outros.

A história gira em torno do personagem principal Carlo Antonini, um psicanalista italiano, casado e descasado diversas vezes, nascido em Milão e radicado em Nova York (e, aqui, as semelhanças com o autor não são mera coincidência). O "suspense" do livro começa quando Antonini, ao fazer aquela que seria sua última visita ao pai - um amante da Renascença italiana, já então muito próximo da morte -, obtém deste a revelação de uma viagem que fizera ao Monte Oliveto Maggiore, na década de 1930, durante a Segunda Guerra Mundial. Lá, ele teve a certeza de ter sido, em outra vida, ajudante do pintor Giovanni Antonio Bazzi, o Sodoma, e de tê-lo ajudado a pintar os afrescos que hoje permanecem expostos na abadia do Monte. É o

suficiente para desencadear uma busca que leva Antonini a fazer o mesmo percurso feito por seu pai décadas antes, e que traz vários mistérios, como os camponeses pintados por Sodoma em um dos afrescos (figuras estranhamente parecidas com o pai); uma reprodução peculiar encontrada em uma pequena loja em Florença; as cartas reproduzidas nos diários do pai, que Antonini pega como herança, e que estão entre as melhores partes do livro, apresentando de forma natural os personagens fundamentais do passado que o protagonista persegue.

Mas o suposto fio de ação e mistério perde espaço na trama para o romance propriamente dito - que, desde o começo do livro, podia-se adivinhar pelo título. A relação que o protagonista desenvolve com Nicoletta, a especialista em arte italiana, é, de fato, o ponto mais intenso e comovente da história, e que se entrelaça irremediavelmente à busca pela "verdadeira" história do pai - em si mesma, também, uma história de amor.

A solução do enigma, proposta por Calligaris ao final do livro, pode parecer um pouco inverossímil, mas satisfaz o leitor, ávido pelas relações construídas no tempo e espaço por todos os personagens dessa história, em sua maioria adoráveis e complicados, como requer qualquer boa história sobre o amor.

O conto do amor

Contardo Calligaris

Companhia das Letras/ 128 páginas

Um pontapé linguístico no esconderijo das convenções

Coletânea de contos mostra por que Carlo Emilio Gadda se tornou um dos mais importantes autores italianos

Por Luisa Destri



Beniamino Venarvagli, viúvo, sem filhos, atormentado pelo destino de sua herança, emprega toda a energia de seus 70 anos na confecção de um testamento que preserve a pujança e a unidade de sua p.p.p.p.p. ("própria e pessoal propriedade particular privadíssima"). E guarda o documento que redige no esconderijo de um móvel: "Escrivaninha que para ser aberta precisava de duas chaves combinadas, dando quatro voltas para frente com uma e três para trás com a outra: e isso duas vezes: enquanto bastava um pontapé para arrombá-la".

O detalhe parece ser desprezível ou corresponder ao que já se chamou de "a tagarelice de Gadda", ou seja, o desejo de retratar amenidades como forma de mimetizar a conversa popular, a fofoca, o papo que se joga fora. Mas pode, na realidade, sugerir uma imagem síntese, uma espécie de metáfora do universo que o escritor italiano desenha em *Casamentos bem arranjados* (é também o título desse conto citado).

O que se tem nessa coletânea de 20 contos, escritos entre 1924 e 1958, é um discurso sarcástico, baseado em uma linguagem inventiva e extremamente particular, equiparável ao pontapé que pode arrombar o móvel-esconderijo. Com sua

ironia poderosa, Gadda aos poucos derruba: uma moça que, por medo das fofocas, não assume que deseja o primo de seu marido; uma família que se preocupa em edificar a educação moral de um jovem conde e em impedir sua iniciação sexual; uma família ignorante para quem a arte assume um valor apenas de superstição; uma família decadente para quem a arte assume apenas valor moral; uma sociedade belicista contra quem até as armas, numa espécie de personificação, se revoltam.

Nas palavras do escritor italiano Antonio Tabucchi, Gadda é "a expressão trágica, em termos de esquizofrenia linguística, do que somos, do que a Itália viveu, da história do nosso século 20". Sua escrita intenciona reproduzir a fala italiana e seus dialetos, e assim torna mais contundente a investida contra o que a sociedade pretende resguardar com seus segredos, seus truques e suas chaves - o destino, assim por ele definido: "A concomitância de um certo número de fatos amadurece numa operação combinatória outros fatos, cuja soma nós consideramos ser um lógico póstumo dos primeiros, e lhe damos o nome de destino, interpretando-a como enunciação vinculante ou normativa, arrotada por boca profética". Ou o que não se pode aceitar como tal.

Casamentos bem arranjados

Carlo Emilio Gadda

Nova Alexandria/ 232 páginas

Olhos pequenos para ver

Romance de 1945 procura entender a guerra a partir de seus momentos mais cotidianos

Por Luisa Destri



Considerado o primeiro romance da resistência italiana à ocupação nazista e à ditadura de Mussolini, *Homens e não*, de Elio Vittorini, tem um título que quebra a sintaxe da língua e de pronto coloca a preocupação que permeia todo o livro. Ao unir um substantivo e um adjetivo, o autor infringe uma das regras da gramática culta, o paralelismo, e procura entender, em um esforço que se revela em toda a narração, como se relacionam as coisas que pertencem ao homem e as que aparentemente o negam. "Hoje nós temos Hitler. E o que é? Não é homem? Temos os seus alemães. Temos os fascistas. E o que é tudo isto? Podemos dizer que não

está, isto também, no homem? Que não pertença ao homem?"

A narração não se concentra em momentos de combate, mas procura encontrar o sentido de toda guerra a partir de cenas cotidianas, da forma como se relacionam os soldados ou os *partigiani* (integrantes da Resistência) quando vivem a normalidade, e não a exceção. Os eventos, que de fato compõem uma grande guerra, são apresentados como se fossem menores. Sem grandiloquência, sem rebuscamentos. A técnica do livro é inteiramente transparente. A narrativa direta, estruturada em cenas, é o recurso para que o leitor, sozinho, se dê conta das atrocidades descritas.

Assim, ao captar por exemplo os soldados fascistas e nazistas, promovedores de grandes atrocidades,

em momentos triviais, que poderiam ser de qualquer um de nós, o narrador parece perguntar: onde está, afinal, a brutalidade de quem, durante a madrugada ou na mesa de um bar, se diverte com jogos infantis? A violência está em todos nós? É também humana?

É porque esse narrador investiga, e porque também se assusta com o cenário que revela, que deve permanecer quase invisível. Ele não pode dominar a história se o que retrata é um cenário de profunda destruição. De estilhaços. De vidas fadadas à violência e à crueldade.

Mas há, ainda, alguma tentativa. Há capítulos em itálico, em que se desenha algum lirismo. São os trechos em que Ene-2, o protagonista, que luta na Resistência, aprofunda-se em suas reflexões,

procurando a razão de suas escolhas na infância ou no amor que sente por Berta, a mulher que insistentemente se mantém longe. Ou procurando algo que reponha o sentido de sua existência. Mas esses trechos não chegam a ser mais do que esboços reticentes. Afinal, qual lirismo é possível diante da destruição promovida pela Segunda Guerra Mundial?

O olhar miúdo do narrador é parte dessa questão, que nos aproxima de Drummond em "Visão de 1944", poema de *A rosa do povo* (1945), cuja temática é a mesma de Vittorini: "Meus olhos são pequenos para ver/ o general com seu capote cinza/ escolhendo no mapa uma cidade/ que amanhã será pó e pus no arame".

Homens e não

Elio Vittorini

Cosac Naify /264 páginas